



"A Paixão do Cristo"

Joanildo Burity

Creio que muitos de vocês já viram o filme de Mel Gibson sobre a Paixão do Cristo (*The Passion of the Christ*). Vi-o ontem e percebi que a sala contava com grande quantidade de gente de igreja, algumas das quais ensaiaram até aplausos ao final. E, entre tantos comentários após o filme trocados com o grupo que foi comigo ao cinema, fiquei matutando umas idéias que gostaria de compartilhar com vocês. Nada demais, mas acho que pode despertar interesse em alguns de vocês.

É notória a preocupação com o realismo das agressões físicas e humilhação sofridas pelo prisioneiro Jesus - obviamente assentado numa interpretação, pois não há detalhes tão minuciosos conhecidos de casos semelhantes de julgamento por autoridades religiosas judaicas e políticas romanas: o que temos ali é uma composição de informações vindas de várias fontes e lugares. Ela casa bem, infelizmente, em nossa conjuntura, com duas claríssimas manifestações de violência: aquela relativa à realidade urbana e aquela relativa à intolerância religiosa e racial. Mas perderíamos uma grande oportunidade se deixássemos nossos paroquianos mergulharem num imaginário do "quanto Cristo sofreu por nós", se comoverem com aquelas cenas ocorridas há milênios como se fossem coisa de um tempo imemorial em que nosso Salvador viveu na terra, e usassem esse imaginário apenas para suscitar em suas conversas religiosas e iniciativas evangelísticas sentimentos de compaixão ou culpa em relação a Jesus por parte de seus amigos ou ouvintes. Pois há uma mensagem muito atual que se poderia retirar do filme e desafiar nossos paroquianos nesta época da quaresma e que vai muito além de tornar visíveis e cinematográficas as narrativas bíblicas da paixão. Serei telegráfico.

1. Jesus foi duplamente julgado, de forma sumária, tortuosa e vil, que desrespeitou até mesmo os procedimentos vigentes de investigação e tramitação de processos religiosos e civis. Vemos ali a fabricação de provas e falsos testemunhos, o silenciamento de quem reclamou um mínimo de respeito às regras, a utilização sistemática da tortura física e psicológica como meio de "extração" da verdade, prisão sem mandato claro e sentença desproporcional ao suposto delito. Ao lado disso, o tratamento dispensado à população - manipulada, mas também agredida em diversos momentos - do palácio de Pilatos ao Gólgota, a arbitrariedade cometida contra Simão de Cirene (não nos esqueçamos do possível estigma decorrente de ter sido "escolhido" para carregar uma cruz - castigo dos malfeitores e traidores).



2. O sofrimento de Jesus neste contexto, tem sido repetido ao longo da história inúmeras vezes, tanto contra cristãos - e por razões de fé e compromisso com Cristo - como contra não-cristãos - homens, mulheres, crianças, adultos e idosos vítimas de violações de direitos humanos fundamentais em situações de conflito civil ou militar motivados por questões políticas ou religiosas, de perseguição, ou em virtude de situações sociais como a escravidão e a exclusão social. Vítimas inocentes das quais a história humana está repleta e que renovam, às vezes à nossa vista ou sob a nossa complacência (é fácil ver na televisão, ler nos jornais ou saber de ouvir sobre a tortura, os estupros, os espancamentos, a humilhação, o preconceito racial - o difícil é "se tocar" de que somos parte do problema ou da solução e nem sempre queremos enxergar isso) a paixão vivida por Jesus.

3. Jesus foi vítima de intolerância religiosa e de violência política. A salvação também é salvação do extremismo religioso e do poder arbitrário do estado e não só salvação da alma. Jesus, na cruz e na ressurreição, diz Paulo, "se livrou do poder dos governos e das autoridades espirituais. Ele humilhou esses poderes publicamente, levando-os prisioneiros no seu desfile de vitória" (Col. 2.15). Como espiritualizamos essas palavras facilmente! Em nome da fé sempre se morreu, se mutilou, se agrediu e se matou, das formas mais sangrentas e cruéis, como podemos ver no filme, mas já vimos tantas outras vezes, em outros filmes, nos noticiários de tevê, nas fotos de revistas e jornais ou quem sabe até pessoalmente. Todos ou quase todos têm seus motivos, inquebrantáveis, inegociáveis, irresistíveis, para fincar pé em sua compreensão da revelação divina, da vontade de Deus, da inspiração do Espírito Santo, para se entrincheirarem. Não estou nem levantando suspeição - embora pudesse fazê-lo - contra os reais motivos do zelo religioso de pessoas comuns e de intelectuais da fé. Todos ou quase todos o fazem por acreditarem piamente em algo. E no entanto, "não matarás" (seja no sentido do decálogo, seja no do Sermão do Monte) é todos os dias violado em nome da verdade e da fidelidade a tradições e aos textos sagrados. Jesus morreu por ousar interpretar textos proibidos em seu favor. Morreu por desafiar o *establishment* religioso e político de seu tempo - não há novidade nisso. A novidade hoje é que a intolerância e o conflito religioso continuam dentro do próprio movimento de Jesus, da própria comunidade de discípulos que carregam garbosamente seu nome e suas insígnias. E também ocorre nos contextos em que a religião é seguida de forma fundamentalista, extremista, purista, literalista, legalista, de forma sincera ou fingida, "espiritual" ou ritualizada. E novamente há muitas vítimas, muitos "nazarenos" pagando alto preço pelo que acreditam ou por conflitarem com o que outros acreditam e não admitem serem contraditados.



O que eu disse acima não tem nem de longe o objetivo de desviar a reflexão quaresmal do sacrifício de Cristo e da dimensão salvífica do mesmo. Mas ressaltar um recurso que a narrativa do filme utilizou com muita felicidade: o contraste feito pelo filme com os valores contraculturais do amor, do perdão e da entrega/dedicação, nas cenas em que, em meio ao indizível sofrimento, Jesus supostamente lembra-se dos momentos, no Sermão do Monte ou na Última Ceia, em que ensinou seus discípulos a assumirem uma atitude completamente contrária às expectativas e reações das pessoas e das estruturas sociais e políticas ao seu redor.

Vivemos um momento de dor e divisão, no mundo e em nossa própria Igreja. Atoos terroristas, a violência ainda recentíssima dos conflitos na ex-Iugoslávia, no Afeganistão, no Iraque, na Palestina multiplicam as vítimas todos os dias. A intolerância religiosa, cometida em nome de sacrossantos princípios, grassa e divide. Mais do que isso, permite que "processos" e "tribunais" de consciência e de fé sejam instalados nesse momento mesmo em que vivemos. Como podemos celebrar o poder da ressurreição sem passar pela profunda compungência diante da dor, do sofrimento e da irreconciliação? Como pensamos poder falar do esmagamento do corpo de Jesus como instrumento de salvação - completa e irrestrita doação em amor, de perdão incondicional, contra todo e qualquer cálculo de eficácia, contra toda esperança de sucesso, contra toda idéia de reivindicação de direitos e de verdades - sem nós próprios chorarmos nossas intolerâncias, nossa sanha pela imposição das nossas convicções aos outros, nossas agressões, nossas tramas secretas ou articulações explícitas? Como podemos defender a vida e a vitória sobre a morte, se assistimos passivos ou até participamos da condenação de outros - religiosos ou não - por motivos religiosos, sociais ou políticos, à morte, ao esquecimento, à humilhação, por falta de amor, perdão e reconciliação?

Falo de cada um de nós. Não estou pondo "carapuça" em ninguém em particular. Minha sensação ao ver o filme, neste momento do ano cristão e nesse momento do mundo e da igreja, foi a de me perguntar primeiramente: em que estou sendo instrumento de amor, perdão e reconciliação? E o que significa perdoar e reconciliar-se à luz do exemplo de Cristo? Que condições queremos antepor para que isso aconteça? Quantas ofertas levaremos ao altar nesses próximos dias, lembrados de que nosso(a)(s) irmã(o)(s) te(ê)m alguma coisa contra nós? Qual a sinceridade de nossa vivência do convite a penitência e ao arrependimento que a quaresma nos faz? Que vida a ressurreição nos desafia a experimentar, quando resumimos nosso cristianismo a despertar sentimentos interiores e individuais nas pessoas, sem desafiá-las a encarnar sua fé por obras de misericórdia e serviço desinteressado ao próximo?



Centro de Estudos Anglicanos



Creio que se uma reflexão há que seja realmente fiel e contextualizada ao nosso momento neste filme tão amplamente divulgado e visto pelos crentes - clérigos, bispos e leigos - nesses dias, ela é imperativa no sentido de destacar a violência sofrida por Jesus contrastada pelas atitudes, palavras e valores ensinados por ele, e aplicada aos desafios de nosso tempo: de fazer as pessoas saírem dos clubes religiosos que se tornaram as igrejas, cheias de gente piedosa, reverente e comprometida com ministérios e atividades paroquiais e provinciais, para os lugares onde a paixão de Cristo se repete hoje sob nossos olhos e onde o Crucificado de Nazaré aparece e desaparece, nas imagens do sofrimento ou nos sinais de vida e ressurreição; de nos chamar a abrir nossos olhos para o tamanho da missão de Deus (reconciliar o mundo consigo) e a pequenez de nossas querelas que tanto tempo consomem, ferem, dividem e paralisam.

Joanildo A. Burity

Fundação Joaquim Nabuco
Instituto de Pesquisas Sociais